

Lembrança do Manuel

Luís Gonçalves Blasco

Não posso lembrar quando e onde conheci Manuel Maria. São já muitos anos e a memória não é o que era. Deveu ser em Santiago em 1961 ou 62, desde logo antes da criação do Conselho da Mocidade que é de 1963.

Entre 1963 e 1968 os meus encontros com Manuel Maria eram, em geral, em Santiago ou em Foz. Por Foz iam com certa frequência Manuel Maria e Saleta sobretudo desde que lá se instalou o seu parente Ramón Fernández Mato, co-irmão do pai de Manuel.

Fernández Mato era um político republicano amigo de Castelao a quem conhecia desde que ambos estudavam Medicina na Universidade de Santiago; em fevereiro de 36 saíra eleito nas listas do Partido de Centro, de Portela Valladares. Mato ocupou diferentes postos nos governos republicanos e em 1936 era Diretor Geral de Segurança. Já no exílio participou na reunião das Cortes celebrada em México onde defendeu o estatuto galego. Residia em Cuba mas não gostava do castrismo e foi para Miami, desde ali trasladou-se à Galiza vivendo em Foz durante alguns anos pela proximidade às terras do Valadouro donde era sua mulher. Era um homem de trato afável e contava-me anedotas suas e de Castelao. Nunca esqueço a que me contou sobre as Cortes celebrada em México quando o setor prietista do PSOE se opunha ao que se constituísse uma comissão para discutir o estatuto galego, o deputado Pedro Longueira pertencente ao mesmo, foi chamado -repetidas vezes- por Castelao “Senhor Longória”, Longueira queixou-se e Castelao retrucou-lhe “Desde hoy ha dejado su Señoría de ser gallego” provocando o riso na Câmara.

Das visitas de Manuel Maria a Foz guardo muitas memórias; uma delas é quando entrando eu no mar o vi, com Saleta, devia-lhes chegar a água pelos joelhos e Saleta levava fato de banho mas Manuel estava completamente vestido e com chapéu, apenas tirara os sapatos e refucira as perneiras das calças. Cheguei por detrás e ao manifestar a minha estranheza Manuel disse: “O mar é muito grande e um é muito pequeno”. Muito mais séria é outra lembrança focega de Manuel Maria: quando em 1966 ganhou a “flor natural” nos primeiros jogos florais que se celebraram na vila. Um amigo comum, Suso Fernández, que tinha uma livraria e uma imprensa decidiu editar os poemas premiados que levavam o título de *Versos frolecidos en loubanza de Foz*; daquela brochura de apenas 20 páginas sem numerar levava eu exemplares a Compostela para a sua venda, apresentava-o como o primeiro livro em galego editado em Foz. Ao se cumprir o 35 aniversário da livraria *Bahía*, em 1998, apareceu uma segunda edição que inclui um novo poema dedicado a Foz, um prólogo de Camilo Gómez Torres. O papel utilizado e as ilustrações contribuem a fazer desta edição não venal uma pequena jóia da bibliofilia.

Em 1968 uma operação policial obrigou-me a me ausentar do meu domicílio santiaguês e passar à clandestinidade começando uma aventura que remataria com a minha solicitude de asilo político em França. Mas não é este lugar para as minhas lembranças mas para aquelas que tenho do Manuel e sobre ele tenho que dizer que durante esse período de clandestinidade estive vivendo umas semanas na casa de Manuel Maria e Saleta; isto supunha para eles um grave risco que aceitaram sem a menor vacilação. Por aquela casa passava muita gente, alguma que eu já conhecia como Margarita Ledo e outra que não, entre eles estava Antom Árias Curto que na altura militava no PCE; Manuel, que não sabia que eu deixara a UPG, pediu-me que tratasse de ganhar Antom, algo que eu fiz sem maiores problemas de consciência por continuar a ser nacionalista, não sei se prenderia algo do meu

discurso mas Antom ainda demorou a ingressar na UPG e em dezembro de 1968 participa no congresso fundacional do PCG.

Chegou o momento em que devia marchar de Monforte e não voltei ver¹ Manuel Maria e Saleta até a sua viagem a Paris em maio de 1972² acompanhados por Lois Diéguez. O motivo principal da viagem era o lançamento do livro *Heures galiciennes*, tradução para o francês de *Canciós do lusco ó fusco*. O tradutor é Lleo Marzo, professor na universidade de Nanterre que realizou um excelente trabalho sendo a edição francesa melhor do que a galega: o livro tem um interessante prólogo do próprio Lleo Marzo intitulado *La poésie galicienne et le cri de Manuel Maria*, e contem dous poemas mais de Manuel Maria: o primeiro de *Documentos Personaes*³ e o que devia ser o primeiro de *Canciós do lusco ó fusco*, uma ardente defesa da língua que a consulta prévia “desaconselhara” pelo que não aparece na edição monfortina⁴. A tradução de Lleo Marzo é relativamente livre; apenas como exemplo o final da *Canción da noite*:

¡Temos que acabar coa noite escura	Il faut avoir raison de la nuit obscure,
senón remataremos por morrer!	ou bien nous finirons par mourir!
¡Temos que batirnos com bravura	Il faut nous battre avec courage
pra que sexa verdá o amanecer!	Pour que naisse, vraie, l'aurore!

Esta liberdade de Lleo Marzo não impede a fidelidade ao original por ser uma edição bilingüe: nas páginas pares estão os poemas traduzidos e nas ímpares os originais em galego.

O livro foi editado por **Pierre Jean Oswald Éditeur**, também é interessante dizer alguma coisa sobre este editor. Trata-se de uma editorial orientada à esquerda e consagrada à poesia e ao teatro, editou textos de Alberti, Atahualpa Yupanqui, Paol Keineg e outros; muitas das suas publicações eram bilingües⁵. Estava organizada em coleções e na que se publicou o livro de Manuel levava o nome de *J'exige la parole*, nela apareceu também o livro de Yann Ber Piriou: *Défense de cracher par terre et de parler breton*⁶. Oswald tinha problemas económicos constantes e acabou por fechar sem poder editar algum outro livro galego como tinha projetado.

Lançou-se *Heures galiciennes* num ato celebrado em Nanterre ao que assistimos bastantes galegos.

Durante a estadia de Manuel Maria organizara-se também um ato no local da *rue de l'Assomption*. Este local era de uma paróquia católica para emigrantes estava dirigido pelo saudoso padre Arturo Aldemunde, a ela assistiam muitos galegos, pela singela razão de que a metade ou mais dos emigrantes procedentes do estado espanhol vinham da Galiza. Eu conhecera Arturo que nos oferecera os locais de que dispunha para fazermos trabalhos com a colónia galega⁷. No ato participara também Amâncio Prada que começava a sua carreira como cantante. Nessa altura -sem ser nacionalista- Amâncio Prada estava próximo do galeguismo e trabalhara connosco na paróquia

1 Porém, a nossa relação continuara desde a distância. Tenho os seus livros *Versos pra un país de minifundios e Proba documental* dedicados por ele, o primeiro no Natal de 1969 e o segundo no Verão do mesmo ano.

2 No livro de conversas com Manuel Maria de José Manuel del Caño por gralha diz-se que foi *polos anos sesenta e poucos*.

3 *Carnet de identidade*

4 *Canción pra cantar tódolos días*

5 Quando o original não estava em francês, evidentemente.

6 *Escrito que se podía ver em muitas escolas -e também noutros lugares- da Bretanha e que quer dizer “Proibido cuspir no chão e falar bretão. Como o de Manuel era uma edição bilingüe.*

7 Falo disto *in extenso* no meu livro *A política e a organização exterior da UPG (1964-1986)*

e Arturo, mais tarde começaria a assistir à tertúlia de *La Boule d'Or* e entraria na órbita de Garcia Calvo e da sua particular acracia.

Manuel Maria e Saleta gostavam muito de Paris que era a primeira vez que visitavam, passei bastante com eles e tiramos algumas fotos.

No mesmo ano de 1972 Manuel Maria voltou por França no outono. Fala desta viagem no livro *Andando a Terra*⁸ e nas conversas com José Manuel del Caño⁹. A história começa com a recensão no número de julho de *Le Peuple Breton*¹⁰ do livro de Manuel Maria, informado disto Manuel manifestou o seu grande interesse de que *Heures galiciennes* fosse lançado na Bretanha; eu escrevi a Hervé Grall, autor da recensão e encarregado das relações internacionais da UDB, Hervé Grall escreve a 16 de outubro:

Cher camarade,

Bien reçue ta lettre. Le Comité Directeur de l'UDB a donné son accord pour l'organisation du voyage de Manuel Maria en Bretagne, y compris pour la participation aux fraix de voyage de Genève à Brest ainsi que pour toi-même. (...)

Manuel Maria chegou a Paris de comboio, procedente de Genebra, acompanhado por Saleta e por Carlos Xoán Diaz, eu uni-me a eles para continuarmos viagem a Bretanha. ous recitais que deu: um na Casa da Cultura de Brest onde depois da sua leitura em galego, Paol Keineg (um dos melhores poetas bretões contemporâneos e militante da UDB de quem Manuel rapidamente se fijo amigo) recitava os poemas galegos traduzidos para o francês; o outro recital celebrou-se na Universidade de Rennes e também foi acompanhado da versão bretã dos poemas; em ambos os recitais participou Carlos Xoán Diaz falando como representante da UPG. Destes actos -dos que também deu notícia a imprensa local- informa o número 111 de *Le Peuple Breton*, correspondente a janeiro de 73, que publica uma foto de Manuel Maria e Paol Keineg sob o cabeçalho *Le poète galicien Manuel MARIA en Bretagne*, o pé da fotografia diz:

A l'initiative de l'U.D.B., le poète galicien Manuel Maria est venu en Bretagne animer deux soirées de poésie galicienne, l'une à Brest, l'autre à Rennes.

Notre photo: Manuel Maria en compagnie de notre camarade Paol Keineg, au cours de la soirée brestoise, à la M.J.C.¹¹ de Pen-ar-Creac'h. Paol Keineg lit la traduction française des poèmes galiciens, qui avaient été lus auparavant en breton.

Au cours de cette soirée, le poète breton Kristian Keginer récita également de poèmes de sa composition.

Para além dos recitais Manuel Maria e Saleta fizeram algo de turismo nas conversas com José Manuel del Caño por Bretanha conosco e com Hervé Grall, gostaram muito do país e intimaram bastante com Hervé a quem Manuel “galeguizara o apelido chamando-lhe “Greló”. Da Bretanha trouxera Manuel um “instrumento” como lhe chamava ele muito útil para sacar a carne da centola que na altura era desconhecido na Galiza mas em Bretanha já era comum, Manuel Maria vira-o num restaurante e ao manifestar o seu interesse Hervé Grall regalara-lhe um; Manuel estava orgulhosíssimo com o seu presente.

⁸ Publicado com o pseudónimo Manuel Hortas Vilanova.

⁹ Em ambos há algumas inexatidões que corrijo no meu livro supracitado.

¹⁰ Órgão da União Democrática Bretã.

¹¹ Maison des jeunes et de la culture.

A forte impressão que Bretanha produziu em Manuel deu como produto o longo poema de que falarei a seguir.

Trata-se do poema *Laio e cramor pola Bretaña*¹². Inicialmente este longo poema devia ser publicado também por Jean-Pierre Oswald numa edição bilingue galego-francês. O livro estaria introduzido e traduzido por Xohán Edreira (Carlos Xoán Díaz). Também se estava preparando para a mesma editorial uma antologia de poesia galega em edição bilingue mas ambos os projectos não chegaram a se realizarem devido à falência das edições Jean-Pierre Oswald. Finalmente *Laio e cramor pola Bretaña*, cuja edição na Galiza fora desaconselhada pela “consulta prévia”¹³, publicaria-se em 1973 nas edições *Poesia & Ficção* de Lisboa com um prólogo de Francisco Rodríguez; resulta curioso que não figurem as dedicatórias do original, que conservo:

Pra Paol Keineg e Hervé Grall, amigos bretóns. Pra Luís e Carlos Xohán, amigos galegos.

Manuel Maria, como é natural intimara bastante com Paol Keineg¹⁴ e ocupou-se da sua obra várias vezes, a primeira quiçá fosse um interessante artigo publicado em *El Progreso* a 10 de fevereiro de 1974. Manuel escreve sobre a vida¹⁵ e, sobretudo, a obra do bretão, detendo-se, particularmente, em *Le poème du pays qui a faim* do que reproduz vários trechos em galego, seguramente tomados da tradução a que alude; também reproduz, traduzidos, três versos de *Hommes liges des tallus en transe* e dois de *Vent de Harlem*, livro dedicado a cantar a figura do líder afro-americano Malcolm X.

Diz Manuel Maria:

Hai, dende fai varios anos, unha tradución ó galego de “Le poème du pays qui a faim” da que é autor Enrique Harguindey Banet e que está inédita, contra a vontade do tradutor e dalgunhos editores.

O livro a que faz referência o poeta devia ser publicado na coleção *Val de Lemos* que dirigia o próprio Manuel Maria mas submetido à “consulta prévia” esta “desaconselhou” a sua publicação, finalmente o livro foi editado em Suíça na coleção *Rego* das *Edicións Roi Xordo*, sem figurar o nome do tradutor, em 1974; em 1978 foi reeditado pelas *Edicións do Rueiro* com o nome do tradutor.

Em 1996 Manuel Maria teria a alegria de ver os *Poemas do lusco ó fusco* traduzidos para o bretão por Yann Jaouen numa formosa edição bilingue da editorial *Hor Yez*, o título bretão é *Kanaouennou adal tarzhan-deiz betek kuzh-heol*.

Também estive com Manuel em Genebra nos atos organizados por *A Nosa Galiza* primeiro e depois pela *Irmandade Galega na Suíça*.

Quando voltei da França vi frequentemente Manuel Maria tanto privadamente como em atos públicos como quando recebeu o Padrão de Ouro ou noutras homenagens.

Penso que a última vez que o vi foi numa feira do livro em Santiago, quando a doença que no-lo levou já roera bastante nele. Era consciente do seu estado mas não o deixava aparecer. Depois acompanharia-o em Outeiro de Rei quando se lhe deu terra e cada 8 de setembro volto a Outeiro para encontrar Saleta, os comuns amigos, alguns novos e outros os de sempre, e deixar uma rosa na sua campa.

12 Ao voltarmos de Bretanha no comboio, disséramos-lhe a Manuel: “Depois desta viagem farás-lhe um poema a Bretanha, não?”. Contestou-nos com gravidade que ele não fazia “poesia de circunstâncias”; grande foi a nossa surpresa quando ao pouco tempo nos enviou o seu manuscrito de perto de trezentos versos..

13 O que foi presidente da *Xunta de Galicia*, Manuel Fraga Iribarne era, na altura. *Ministro de Información y Turismo* e “suprimira” a censura substituindo-a pela chamada “consulta prévia”. O editor que o desejava apresentava um livro a “consulta prévia”; se esta “desaconselhava” a publicação do livro, as probabilidades de que a edição fosse sequestrada eram praticamente totais.

14 Manuel já conhecia *Le poème du pays qui a faim* e a peça teatral *La revolte des Bonnets Rouges*.

15 Às vezes Manuel podia ter algum despiste, resulta curioso que neste artigo de 1974 diga que a mulher de Paol Keineg era escocesa, e digo curioso porque nas muito posteriores conversas com José Manuel del Caño (1990) diz que era galesa, que era a realidade.